

# A SEMIÓTICA FILOSÓFICA DE C. S. PEIRCE

LUCIA SANTAELLA

**Abstract:** This presentation will turn to the philosophical architecture of C. S. Peirce as part of his classification of the sciences. That implicates in the original peircian conception of philosophy as science. To understand that conception, it is also necessary to place emphasis in the understanding that Peirce has of science as investigation process. It will be placed in discussion the thesis that this presentation seeks to defend, the one that the peircian semiotics is not constituted in another parallel knowledge to the philosophy, but it is entirely philosophical.

Provavelmente, poucas teorias têm sido capazes de provocar tantos mal-entendidos quanto aquela produzida sob o nome de Semiótica Geral pelo cientista, lógico e filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce. Note-se que esses mal-entendidos não são privilégio brasileiro. Eles também ocorrem no país de origem dessa teoria, os Estados Unidos. Segundo J. Ransdell (1983:3), desenvolveu-se em seu país, no decorrer dos anos, “um curioso corpo de folclore acadêmico que diz respeito não só à pessoa de Peirce, mas também à sua obra”.

As confusões não foram casuais, mas inevitáveis, dada a dificuldade de acesso, durante mais de meio século, ao conjunto organizado da obra de Peirce. Foi só nas últimas décadas que surgiram estudos globalizantes de sua obra, efetuados por investigadores que tiveram a oportunidade de pesquisar os manuscritos ainda inéditos deixados por Peirce. Esses estudos foram pouco a pouco separando o joio do trigo e revelando a coerência fundamental e a inegável sistematização do pensamento peirciano.

É notória a intrincada complexidade da obra de Peirce, distribuída pelos campos mais diversificados do conhecimento científico que vão da matemática à história, da filosofia à química, da literatura à astronomia etc. No corpo aparentemente heterogêneo desses estudos, há, contudo, uma espécie de coluna dorsal nucleadora de onde foram extraídas e para onde confluíram todas as suas investigações, a saber, a teoria geral dos signos

---

Lucia Santaella é professora de Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

ou semiótica, concebida como lógica, num sentido muito mais vasto e genérico do que tinha o termo lógica quando Peirce o concebeu, e do que continua a ter até hoje.

Antes de mais nada, é preciso enfatizar que a lógica ou semiótica peirciana é, sobretudo, uma filosofia, isto é, dispõe de toda a generalidade necessária a uma teoria filosófica. Suas concepções foram trabalhadas com a mesma espécie de cuidado pela exatidão característica de um matemático, e suas implicações foram desenvolvidas tão extensivamente e com tanta minúcia quanto as de qualquer outro pensador monumental de nossa tradição filosófica ocidental. A meu ver, esse ponto de partida é necessário em qualquer colocação a respeito de Peirce, visto que, quando ignoradas ou mal compreendidas as bases fenomenológicas e epistemológicas sobre as quais se alicerça todo seu pensamento, corre-se o risco de tomar a semiótica como mera pirotecnia terminológica, como um mero corpo técnico para dar conta de atualizações instrumentalistas do conhecimento que visam a uma apropriação utilitária imediata.

Contrariamente a isso, a semiótica como disciplina filosófica dispõe da fundamentação necessária para lidarmos com todos os complexos problemas levantados pela ontologia, epistemologia, filosofia da mente, filosofia da ciência, enfim, por todos os possíveis desmembramentos e setorizações do pensamento filosófico, para os quais Peirce pretendia dar uma fundação comum na semiose por ele concebida como sinônimo de inteligência, continuidade, crescimento e vida. Tal fundamentação baseava-se em um método que tinha por intenção desenvolver uma concepção altamente abstrata de mente, derivada daquilo que está implícito na tendência para a verdade que reside nos arcanos da vida humana.

Delineado de modo breve, este seria o espectro mais amplo da teoria filosófica peirciana. Nessa medida, o ponto de partida para o estudo de sua obra não deveria estar no seu sistema de classificação de signos, conforme tem sido o setor exclusivo sobre o qual o olhar de semioticistas apressados tem se detido. Quando vistas à luz da fundação filosófica que está nos alicerces da teoria, as definições e classificações de signos não aparecerão como simples classificações *strictu sensu*, mas como padrões que incluem, segundo Baczyńska (1983:27) “todos os aspectos ontológicos e epistemológicos do universo sígnico, o problema da referência, da realidade e ficção, a questão da objetividade, a análise lógica do significado e o problema da verdade”.

Conforme Nadin (1983:163) também afirma, “a tipologia das classes de signos (as 10, 28 e 66), tal como foi confirmada pela teoria matemática

das categorias, deve ser entendida como uma rede de pontos de referência fundamentais em um campo semiótico generalizado. Quando essa tipologia é transformada em um fim em si mesmo, conduz apenas a uma semiótica formalística. Dar um nome a um signo (identificá-lo) não resolve o problema do modo como ele age no campo semiótico. O signo só pode ser concebido e interpretado dentro do espectro da lógica da incerteza, e com a participação da doutrina do *continuum*. Categorias que se misturam (*fuzzy categories*), a extensão do conceito matemático de categoria, preenchem essa necessidade e aperfeiçoam a tábua dos signos fundamentais peircianos, por meio da imagem do *continuum*, e conseqüentemente, da dinâmica dos processos sîgnicos”.

A empresa que Peirce buscou levar à frente implicava, antes de tudo, a criação de uma teoria geral que lidasse com todos os aspectos dos signos. Quando dizemos teoria geral, entretanto, é preciso ter em mente o grau de generalidade que está aí envolvido. De um lado, tem-se a generalidade do objeto que essa teoria visa abraçar, de outro, o grau de generalidade da própria teoria. Quanto ao objeto, para Peirce, o próprio homem é signo, o pensamento e a vida inteira de qualquer pessoa é signo. Mas Peirce foi mais longe: qualquer outra coisa que qualquer coisa possa ser, ela também é signo. Para além dos limites logo e antropocêntricos, a generalidade do conceito de signo peirciano vai até o ponto de afirmar que o universo inteiro está permeado de signos, se é que ele não seja composto exclusivamente deles (5.448 n.1, *apud* Fisch 1986: 360).

Essas declarações, contudo, não passariam de frases de efeito, se Peirce não as tivesse feito acompanhar por uma teoria que se dá como tarefa evidenciar todos os pressupostos e implicações que essas declarações encerram. O que ele tinha em mente, segundo suas próprias palavras, era “esboçar uma teoria tão compreensiva que, por longo tempo, o trabalho inteiro da razão humana, na filosofia de todas as escolas e espécies, na matemática, na psicologia, na ciência física, na história, na sociologia, em em qualquer outro departamento que possa haver, deve aparecer como preenchimento de seus detalhes. O primeiro passo para isso é encontrar conceitos simples e aplicáveis a qualquer assunto” (CP 1.vii).

Em razão disso, embora complexa e intrincada, sua teoria está plantada sobre uns poucos conceitos extremamente refinados, mas, ao mesmo tempo, elementares e abstratos. Trata-se de um esquema analítico no plano de generalidade máxima, que Peirce pretendia tornar disponível à incorporação e uso de qualquer ciência especial ou disciplina particular.

No fim de sua vida, Peirce estava escrevendo um livro sob o título de *Semiótica considerada como lógica*. Não existe uma descrição razoavelmente completa e fiel da compreensão que Peirce tinha de lógica, isso porque “os lógicos costumam se aproximar de sua teoria com uma concepção de lógica mais estreita do que a de Peirce, ignorando assim ou deixando de compreender a relevância daquilo que transcende a concepção estreita na qual estão situados” (Fisch 1983: xxi).

De qualquer modo, podemos identificar alguns pontos: (1) a semiótica concebida como lógica não é uma parte isolada do conjunto de sua filosofia, mas situa-se no seu cerne. (2) Diferentemente de quaisquer outros lógicos, para Peirce, a lógica não incorpora apenas os signos simbólicos, uma vez que não pode prescindir dos ícones e dos índices. (3) A semiótica é o substrato indispensável “para uma análise profunda da natureza e gênese do método científico (modos científicos do pensamento), acoplada a uma tentativa de levar os resultados dessa análise até todos os cantos da diligência humana” (Ketner 1983: 63). (4) “Combinando uma teoria unificada da inferência com uma teoria sîgnica do conhecimento, Peirce foi capaz de montar uma teoria geral da cognição, e de localizá-la dentro de uma teoria geral da explicação científica” (Esposito 1983: 12).

Em síntese, “a semiótica triádica-tricotômica, concebida como um novo tipo de lógica de natureza universal, e derivada de um sistema filosófico geral, estabelecido com base nas categorias fenomenológicas, tem seu verdadeiro princípio ordenador na lei do sinequismo, isto é, na doutrina do *continuum*. Este governa o conhecimento e implica a generalidade” (Nadin 1983: 157).

Falar em generalidade é tocar no ponto que me parece mais fecundo na semiótica peirciana, visto que ela tem seu análogo antitético na noção de indeterminação ou incerteza. De acordo com Peirce, todo pensamento é, por natureza, semiótico. O pensamento é dialógico e realizado por meio de signos. Mas nenhum signo, por si mesmo, pode ser absolutamente preciso, uma vez que a relação do signo com o objeto é uma fonte de indefinição na extensão ou aplicabilidade (*breadth*) do signo, e a relação deste com o interpretante é uma fonte de indefinição na profundidade (*depth*) do signo. Um signo é objetivamente geral, na medida em que deixa para o intérprete o direito de completar a determinação por si mesmo. Um signo é objetivamente vago quando, deixando a interpretação mais ou menos indeterminada, reserva para algum outro signo ou experiência possível a função de completar a determinação (CP 4.505, *apud* Nadin *ibid.*: 156-157, cf. também CP 5.447, *apud* Eschbach 1983: xxxvi).

Esse processo ininterrupto é característica inalienável de qualquer semiose, pois a continuidade, que funda a natureza mesma da semiose, é inseparável da indeterminação e da incerteza, uma vez que a potencialidade infinita do processo de representação e interpretação sýgnicas determina que apenas um significado relativamente completo possa ser atingido, num dado momento de uma dada semiose concreta. A partir disso, pode-se afirmar que a semiótica, nas suas divisões e nas operações sýgnicas que define, é também, e sob quaisquer condições, uma lógica da indeterminação e da incerteza, o que vem colocar no horizonte da filosofia uma nova condição epistemológica, em profunda sintonia com as descobertas recentes das ciências, tais como as estruturas dissipativas, os sistemas auto-organizativos, as teorias do caos etc.

Por isso mesmo, Peirce concebia o conhecimento como essencialmente falível, batizando sua teoria de falibilismo (Debrock 1994: 5; Chen 1994: 49). O sinequismo, ou princípio da continuidade, é a idéia do falibilismo objetivado. Se falibilismo é a teoria de que nosso conhecimento não é nunca absoluto, mas navega em um *continuum* de incerteza e indeterminação, o princípio da continuidade diz que todas as coisas também navegam nesse *continuum*.

Nessa medida, nenhuma crença, nenhuma afirmação, nenhum conhecimento possível, estão imunes às revisões. A própria história da ciência nos ensina que, mesmo as teorias mais exatas são apenas aproximações grosseiras, sujeitas a correções contínuas. Para Peirce, portanto, todo conhecimento é fundamentalmente sintético, isto é, baseado em última instância na observação e na inferência indutiva, sendo, pois, uma questão de probabilidade e não de certeza. Assim como o princípio do sinequismo fornece a fundação lógica para a tese da indeterminação inerente a qualquer proposição, essa indeterminação inerente às proposições resulta no fato de que elas não podem ser nunca exatamente verdadeiras. Peirce estendeu essa visão para as proposições da matemática e da lógica. Sua postulação de sinequismo *tout court* levou-o à concepção da natureza falível da própria matemática.

Concebendo os objetos da matemática e da lógica como entidades hipotéticas criadas pelo homem, e cujas propriedades são inferidas a partir de observações diagramáticas, embora a matemática e a lógica façam uso de abstrações, suas entidades não são entidades platônicas, uma vez que não existem independentes da mente. Portanto, as verdades matemáticas e lógicas são verdades sobre entidades hipotéticas que só existem conceitualmente, mas mesmo assim, tais entidades são só aparen-

temente necessárias, visto que suas verdades procedem de inferências a partir da observação diagramática e, como tal, também estão sujeitas ao erro (Almender 1983: 340).

Tendo os axiomas matemáticos sido abalados, pergunta Peirce, o que dizer dos outros (CP 1.132)? Propondo o falibilismo como o sítio epistemológico que evita a ingenuidade dogmática, sem cair no pessimismo e descompromisso do cético, Peirce faz da falibilidade o nó górdio da coragem e energia para a verdade, na consciência de que a verdade é sempre constrangida pela realidade. O melhor que podemos fazer é acreditar naquilo que nenhuma razão ou teste nos levaram ainda a duvidar, mas em estado de alerta e disponibilidade para nos despojarmos dessas crenças, no momento em que a experiência estiver contra elas.

O que emerge disso é uma espécie de antídoto contra o vírus ainda resistente de todas as variadas formas de dogmatismo no pensamento humano. Já em 1902, Peirce dizia: “Creio que a ciência está se aproximando de um ponto crítico, para o qual a influência de uma lógica verdadeiramente científica será excepcionalmente desejável (...), visto que as velhas concepções científicas puramente materialistas não serão mais suficientes” (CP 7.158, n.5). O que estava aí sendo detectado era o fato de que a ciência não estava em processo de se tornar mais certa, mas menos certa, e sua incerteza estava se tornando progressivamente mais óbvia, na medida em que explicações deterministas iam sendo gradualmente substituídas por explicações estatísticas e probabilísticas

A precisão crescente dos instrumentos experimentais e a exatidão também crescente da organização experimental não levaram apenas a resultados mais complexos, mas redundaram na necessidade de uma revisão completa da pesquisa. Tendo sido violado o dogma da invariância das leis naturais, a exigência de uma nova concepção de ciência apareceu. No entanto, a finalidade da pesquisa é ainda a de determinar regularidades nos objetos sob investigação. Contudo, agora as regularidades não são mais consideradas quantidades pré-estabelecidas, mas, de acordo com a doutrina da entropia, como fatores em contínuo crescimento (Eschbach 1983: Li).

Dessa concepção da investigação e do conhecimento, Peirce foi não só o pioneiro, mas formalizou na semiótica, concebida como disciplina filosófica, o funcionamento preciso de uma lógica da incerteza e do *continuum*, de onde são gerados os fundamentos para os novos horizontes da ciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMENDER, R. (1983). Peirce on meaning. Em *The Relevance of Charles Sanders Peirce*, Eugene Freeman (ed.). La Salle Illinois: Monist Library of Philosophy.
- BUCZYNSKA-GAREWICZ, Hanna (1983). Sign and dialogue. Em *American Journal of Semiotics*, volume 2, no. 1-2, 27.
- CHEN, QIWEI (1994). Some aspects of Peirce's theory of knowledge. Em *Living Doubt. Essays concerning the epistemology of Charles Sanders Peirce*, Guy Debrock e Menno Hulswit (eds.). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 43-53.
- DEBROCK, GUY (1994). Introduction. Em *Living Doubt. Essays concerning the epistemology of Charles Sanders Peirce*, Guy Debrock e Menno Hulswit (eds.). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-9.
- ESCHBACH, A. (1983). The history of semiotics and Peirce. Em *Studies in Logic*, C. S. Peirce (ed.). Amsterdam: John Benjamins.
- ESPOSITO, J. L. (1983). *Evolutionary Metaphysics*. Athens, Ohio: Ohio University Press.
- FISCH, MAX H. (1983) Introdução. Em *Studies in Logic*, C. S. Peirce (ed.). Amsterdam: John Benjamins.
- (1986). Just how general is Peirce's general theory of signs? Em *Peirce, Semeiotic, and Pragmatism. Essays by Max H. Fisch*, K. L. Ketner e C. J. Kloesel (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 356-361.
- KETNER, KENNETH L (1983). Introduction to "A brief intellectual autobiography by Charles Sanders Peirce". Em *American Journal of Semiotics*, volume 2, no. 1-2.
- NADIN, MIHAI (1983). The logic of vagueness and the category of synechism. Em *The Relevance of Charles Sanders Peirce*, Eugene Freeman (ed.). La Salle Illinois: Monist Library of Philosophy.